

## 16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

### Indicação Geográfica para os Cafés da Cuesta Paulista: histórico, oportunidades e desafios

GUSTAVO M. REZENDE<sup>1</sup>, VICTOR O. R. VALENTIM<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Docente da área de Administração, Orientador de Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Avaré, gustavo.rezende@ifsp.edu.br.

<sup>2</sup> Graduando em Engenharia de Biossistemas, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Avaré, vrodriguesvalentim@gmail.com.

**RESUMO:** O artigo objetivou compreender os elementos históricos e contemporâneos relacionados à implementação de uma Indicação Geográfica (IG) para os cafés da Cuesta Paulista. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa levantou dados históricos em fontes e documentos para elaborar uma linha do tempo da cafeicultura na região. Aplicou-se oito entrevistas semiestruturadas com atores relevantes. As entrevistas foram transcritas integralmente por meio da plataforma Turboscribe e analisadas com base na Teoria Fundamentada, em sua abordagem interpretativista, com o apoio do software Taguette. Os resultados revelaram que, apesar do reconhecimento científico geográfico sobre a Cuesta Paulista, produtores inseridos no território não a reconhecem como referência identitária, isto é, um bem comum. Identificou-se que, ao não consumirem cafés especiais, cria-se uma barreira para a valorização e reconhecimento do potencial de diferenciação do produto, por parte dos produtores. Ademais, observou-se um mercado assimétrico, no qual produtores vendem cafés diferenciados a preços de commodities. Por outro lado, os concursos regionais têm se mostrado como tecnologias sociais que valorizam o saber-fazer, fortalecem a autoestima do produtor e contribuem para a formação de novas comunidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Governança territorial; Cafeicultura; Desenvolvimento territorial; Bem comum; Associativismo; Concursos regionais.

### Geographical Indication for Cuesta Paulista Coffees: history, opportunities and challenges

**ABSTRACT:** The article aimed to understand the historical and contemporary elements related to the implementation of a Geographical Indication (GI) for the coffees of Cuesta Paulista. Using a qualitative approach, the research gathered historical data from sources and documents to draw up a timeline of coffee growing in the region. Eight semi-structured interviews were conducted with relevant actors. The interviews were transcribed in full using the Turboscribe platform and analyzed using Grounded Theory, in its interpretivist approach, with the support of the Taguette software. The results revealed that, despite the geographical scientific recognition of the Cuesta Paulista, producers in the territory do not recognize it as an identity reference, i.e. a common good. It was identified that by not consuming specialty coffees, a barrier is created for producers to value and recognize the product's potential for differentiation. Furthermore, an asymmetrical market was observed, in which producers sell differentiated coffees at commodity prices. On the other hand, regional competitions have proved to be social technologies that value know-how, strengthen producers' self-esteem and contribute to the formation of new communities.

**KEYWORDS:** Territorial governance; Coffee growing; Territorial development; Common good; Associativism; Regional competitions.

### INTRODUÇÃO

A Cuesta é uma formação geográfica que se caracteriza pela formação de camadas sedimentares inclinadas, o que infere um lado com declive suave e outro com uma encosta íngreme (Cuesta, 2015; Cuesta, 2018). Tal configuração geomorfológica está presente no interior de São Paulo, na Cuesta Paulista, cujas características influenciaram a ocupação territorial, a organização produtiva e a

construção de identidades regionais. Nesse contexto, o Polo Cuesta foi criado em 2001 para articular municípios da região, como Avaré, Botucatu e Pardinho, em torno do desenvolvimento territorial e da exploração turística (Polo Cuesta, 2025). O cenário favorece a implementação de instrumentos como as IGs, definidas como ativos de propriedade intelectual utilizados como ferramentas coletivas de distinção, que vinculam produtos originários a um determinado território (FAO; OriGIn, 2024). No Brasil, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) é responsável por regulamentá-las através da Lei n.º 9.279/1996 (Brasil, 1996). Dados do Sebrae Origens (2025) indicam que há 132 registros no Brasil e o café ocupa posição de destaque. Nesse cenário, a governança é um elemento central para a constituição e funcionamento das IGs, enquanto mecanismo de articulação entre os diferentes interesses dos envolvidos, por meio de processos, relações e instituições (Belletti; Marescotti, 2021). No entanto, a efetivação dessa governança depende fortemente da mobilização dos atores locais e suas dinâmicas colaborativas. Assim, as ações coletivas se tornam componente fundamental nas IGs, desde a implementação com regras e registros até a coordenação da cadeia de valor (Randrianandrasana; Fournier; Linder, 2024). À luz do contexto da Cuesta Paulista, o objetivo do presente trabalho é compreender os elementos históricos e contemporâneos que contribuam para a implementação de uma Indicação Geográfica para os cafés da Cuesta Paulista.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho adotou uma abordagem qualitativa, construída a partir de referenciais teóricos do interacionismo simbólico e da fenomenologia, que visam explorar as perspectivas dos participantes, ao considerar a reflexividade do pesquisador e a aplicação de diferentes métodos e abordagens (Flick, 2009). Por meio de pesquisas em fontes e documentos históricos, selecionaram-se informações que possuíam relevância para a produção de cafés na região da Cuesta Paulista. Em seguida, os dados foram organizados e sintetizados em uma linha do tempo. Posteriormente, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, instrumento importante para a compreensão de indivíduos, por permitir aproximar o pesquisador dos pensamentos, sentimentos e opiniões dos entrevistados (Crosina; Pratt; Lifshitz, 2024). Os roteiros foram submetidos e tramitados no Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), por meio da Plataforma Brasil.

Realizaram-se, até o momento, oito entrevistas com atores relevantes para o cenário da produção de café na Cuesta Paulista, como indicado na TABELA 1.

TABELA 1. Relação de entrevistados, perfil dos participantes e tempo de duração das entrevistas.

| Entrevistado | Perfil do participante                   | Tempo de entrevista (min) |
|--------------|------------------------------------------|---------------------------|
| 1            | Cafeicultor                              | 47                        |
| 2            | Cafeicultor                              | 87                        |
| 3            | Torrefador                               | 60                        |
| 4            | Representante de instituição/organização | 65                        |
| 5            | Cafeicultor                              | 30                        |
| 6            | Cafeicultor                              | 43                        |
| 7            | Viveirista                               | 15                        |
| 8            | Representante de instituição/organização | 28                        |

Fonte: Elaboração própria (2025).

O processo adotou uma abordagem amigável, configurando-se como diálogos, com foco na narrativa pessoal dos entrevistados. Adiante, os relatos foram contextualizados ao ambiente social estudado, a fim de permitir uma compreensão profunda das experiências relatadas. (Spradley, 2016;

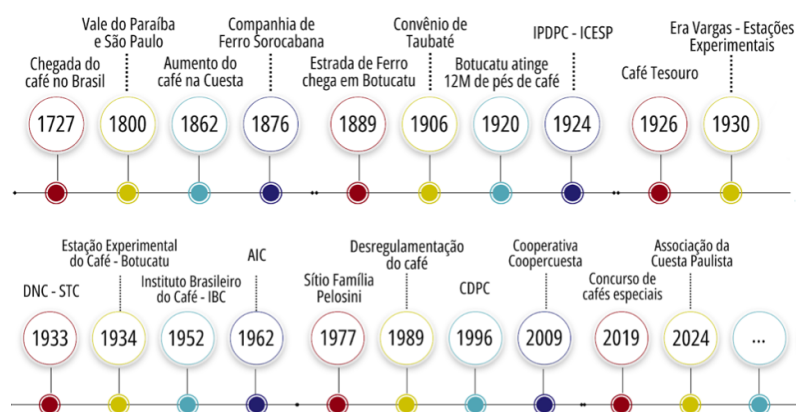
Charmaz, 2021). Os encontros ocorreram por meio de reuniões virtuais via Google Meet. As falas dos participantes foram integralmente registradas e posteriormente transcritas por meio da plataforma Turboscribe. Com base na teoria fundamentada em sua perspectiva de cunho interpretativista, os dados transcritos foram analisados e categorizados (Charmaz, 2021). Para apoiar o processo, adotou-se o software Taguette, ferramenta voltada à codificação e organização qualitativa de dados textuais. Inicialmente, realizou-se a codificação linha a linha, na qual se atribuíram códigos a cada uma das linhas dos dados descritos, com o objetivo de captar ações e processos de forma detalhada. Após ter estabelecido objetivos analíticos rigorosos com a primeira fase, aplicou-se a codificação focalizada para sintetizar e explicar segmentos maiores, com base nos códigos mais relevantes anteriores para analisar grandes montantes de dados e categorizá-los. Em uma terceira fase, utilizou-se a codificação axial, proposta por Strauss e Corbin, para classificar, sintetizar, organizar e reagrupar os dados fragmentados na primeira codificação (Charmaz, 2021; Strauss, Corbin, 1990, 1998; Strauss, 1987).

A partir da leitura conjunta das transcrições e das codificações, criaram-se as categorias, que inicialmente adotaram um contexto amplo, com o intuito de abranger tendências recorrentes na fala dos participantes. Adiante, desenvolveram-se subcategorias mais específicas, que contribuíram para aprofundar a compreensão sobre as categorias maiores e captar nuances presentes nos relatos menos recorrentes. Em posterior análise, as subcategorias foram inseridas no cenário estudado, combinadas e vinculadas às categorias. As vinculações e conexões subsequentes refletiram no modo como os dados foram compreendidos, o que permitiu inferir teorias e discussões por meio do conjunto de dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa histórica, os dados encontrados foram organizados em ordem cronológica, a fim de construir uma linha do tempo. As informações datam a partir de 1727, com a chegada das primeiras mudas de café no Brasil. Em seguida, relata-se a transição e potencialização da cultura no estado de São Paulo durante o século XIX, concomitante ao crescimento das produções na região de Botucatu, fato que refletiu no aparecimento do Café Amarelo (1871), identificado como uma mutação da variedade Típica. Destacam-se as implementações das políticas de valorização e execução da cafeicultura nacional, como a implementação da Estação Experimental do Café (1934), a criação (1952) e extinção (1990) do Instituto Brasileiro do Café (IBC). No cenário internacional, evidencia-se a implementação do Acordo Internacional do Café (AIC), firmado a partir de 1961 para manipular o mercado do café por meio de políticas de sustentação de preços. Entretanto, em 1989, o rompimento do acordo resultou na maior exposição ao mercado internacional, provocando baixa nos preços, maior distribuição de microrregiões de cultivo e crescente tecnificação da produção. Esse período ficou conhecido como a desregulamentação do mercado cafeeiro. Adiante, foi criado o Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC), em 1996, responsável por criar políticas públicas para o mercado nacional. No contexto atual, salienta-se a realização dos Concursos de Cafés Especiais pelo Sindicato Rural de Pardinho, iniciado em 2019 e a criação da Associação da Cuesta Paulista, em 2024. A linha do tempo está sintetizada e representada na FIGURA 1.

FIGURA 1. Linha do tempo do café na Cuesta Paulista.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Ao considerar a centralidade dos processos associativos na construção de IGs, bem como as estratégias de governança decorrentes dessa realidade, há uma narrativa amplamente divulgada de que a fragilidade das organizações associativas se dá por aspectos culturais paulistas, especialmente o individualismo. No entanto, a partir da análise das entrevistas identificaram-se três elementos explicativos que estruturam a dinâmica territorial da cafeicultura local: a Cuesta enquanto espaço geográfico e social, as especificidades da produção de cafés e o seu mercado.

A Cuesta, enquanto elemento geográfico, é amplamente reconhecida na literatura científica, e há um esforço de políticas públicas que buscam consolidá-la como um vetor de desenvolvimento regional a partir do turismo e outras atividades econômicas relacionadas. No entanto, observou-se a fragilidade no sentimento de pertencimento social entre alguns atores envolvidos, uma vez que, embora estejam inseridos nesse território, não o reconhecem como referência identitária ou como um bem comum. “O pessoal aqui, eles não se acham da Cuesta mesmo. Acho que eles têm essa repulsa da Cuesta. Eu já ouvi falar de tudo, até por ser Cuesta uma palavra espanhola e a maioria que é italiana e não tem nada a ver. Isso é uma coisa que eu escutei também” (Entrevistado 4). A noção de bens comuns abrange vários fenômenos, e diz respeito aos arranjos sociais e legais para a gestão de recursos compartilhados de forma justa e sustentável (Bollier, 2012).

A produção de cafés em territórios de IGs está relacionada com a constituição de um determinado padrão de qualidade a ser seguido pelos produtores, método que deve ser explicado e publicizado por meio do caderno de especificações técnicas. Essa condição estabelece um dos elementos diferenciadores do produto. No caso dos cafés especiais, há um conhecimento abrangente que envolve todas as etapas, do solo à xícara, isto é, um conjunto de práticas para que o produto seja avaliado por especialistas e atinja uma pontuação específica nos critérios estabelecidos por associações de especialistas. Notou-se que alguns produtores adquiriram esse conhecimento técnico e adotaram métodos produtivos que aumentaram a proporção de produção de cafés especiais em suas lavouras. Esses produtores demonstram preocupação com todo o processo, desde o plantio, pós-colheita e formas de extração para servir a bebida. No entanto, outros cafeicultores, frequentemente aqueles mais tradicionais, muito embora produzam cafés especiais, não desenvolveram o hábito de consumi-lo nos padrões e critérios valorizados pelos especialistas. “Eu nunca tinha tomado o meu café. Aí pedi para torrar, preparar e torrar. E aí eu dei um pacote de café para todos os funcionários. Cada funcionário ganhou um pacote de café. Eles odiaram [...]. Acharam aguado e tal. Porque é uma outra proposta. E essa outra proposta não foi apresentada para eles. Então, o que eles fazem? Eles pegam o café que a gente produz, mas eles torram do jeito deles, no ponto deles, e eles fazem para eles” (Entrevistado 5). Tal fato faz com que os cafeicultores tendam a vender cafés com potencial de diferenciação como commodities, uma vez que não reconhecem esse diferencial devido a sua experiência de consumo.

Atrelado a esse fato há a dinâmica do mercado de cafés, caracterizado por uma relação fundamentalmente assimétrica entre produtores e compradores. Assimétrica devido ao fato de que são estes últimos que definem os preços, com base em critérios de qualidade que eles próprios avaliam. A partir dos relatos, percebeu-se também que o mercado de cafés especiais, embora muito divulgado, não se apresenta de forma consolidada na prática, isto é, os produtores não encontram canais de vendas consistentes, o que frequentemente os leva a adotar os preços do mercado de commodities. “Eu escuto muito isso [sobre a existência de um mercado para cafés especiais]. Mas eu ainda não consegui achar qual é esse mercado. Eu não fui apresentada ou... Enfim. Eu acho que é um outro mercado. Que ainda não chegou para mim e eu também não tive pernas para ir atrás [...]. Provavelmente, meu café vale mais do que o que eu vendi” (Entrevistado 4).

Por outro lado, observou-se que os concursos de cafés, organizados e realizados via sindicatos rurais e associações, configuram-se como uma forma de tecnologia social, pois permitem aos produtores reconhecerem a qualidade dos cafés que produzem, já que são enviadas amostras dos cafés, que são avaliadas e julgadas por especialistas. Segundo o Entrevistado 1, este é o aspecto mais importante nos concursos. “A primeira questão, que mais importante do que o lugar que você fica ou o prêmio que você ganha, é o produtor ter a oportunidade de saber o que ele está vendendo [...]. É o produtor ter condição de chegar para o vendedor e falar, olha, eu tenho um café aqui, 85 pontos, com aromas. Então, enfim, um café, esse tipo de café, eu quero tanto nesse café” (Entrevistado 1). Depois dessas análises, os momentos de premiações promovem um espaço de valorização simbólica e afetiva, que fortalecem a autoestima dos produtores com relação a sua identidade, seus processos de produção e seus produtos. O Entrevistado 2 relata que “os concursos são muito importantes para o produtor em

vários aspectos. O primeiro aspecto é o seguinte, geralmente, o produtor familiar, ele tende a ficar, muitas vezes, a se sentir desvalorizado porque ele fica lá na roça, muitas vezes, a vida social desse pequeno produtor familiar, ela ainda deixa a desejar, um produtor que fica meio que esquecido lá. Ele, às vezes, sente falta de ter um reconhecimento do trabalho que ele faz [...] Então, o concurso, ele tem, eu acho que essa é uma das finalidades do concurso, valorizar o produtor, contar a história dele, né? E premiar esse produtor pelo trabalho bem feito que ele fez naquela safra, né?” (Entrevistado 2). No aspecto afetivo, o Entrevistado 1 descreve sua experiência com um concurso internacional. “Foi uma emoção sem tamanho. Então, foi a partir daí que eu falei, poxa vida, deu certo” (Entrevistado 1). Identificou-se que esse reconhecimento tem contribuído para formação e coesão do grupo de produtores, tendo em vista o fortalecimento e criação de comunidades em torno dos cafés especiais.

## **CONCLUSÕES**

Como considerações finais, o associativismo é amplamente reconhecido na literatura como um elemento central para a consolidação das IGs. No entanto, nas narrativas dos atores entrevistados foi possível perceber um problema relacionado com esse tema, que é a dificuldade em promover ações coletivas, formar organizações ou cooperativas. Tal adversidade é justificada, segundo as entrevistas, pela característica cultural do individualismo vinculada ao estado de São Paulo. Embora se reconheça a validade dessa explicação, observou-se que o arcabouço teórico dos bens comuns apresentou outras perspectivas elucidativas. Entende-se que há falta de coesão no processo identitário territorial vinculado à formação geomorfológica da Cuesta, isto é, nem todos os produtores se reconhecem como pertencentes a esse espaço. Assim, não se estabelece um bem comum.

Na perspectiva teórica mercadológica, a diferenciação do produto agroalimentar se torna um elemento fundamental para a agregação de valor e abertura de novos canais de venda. No entanto, no caso estudado, esses canais não se apresentam de maneira desenvolvida, o que dificulta a incorporação de mais produtores engajados na produção de cafés especiais. Isto é, o ágio relacionado com esse produto, muitas vezes não se estabelece. Nesse contexto, os concursos têm sido um ferramenta importante para o desenvolvimento de conhecimentos sobre essa atividade e instrumento de fortalecimento da afetividade entre os produtores.

O projeto atingiu os objetivos específicos na medida em que retrçou os elementos históricos e que podem contribuir para a implementação IG de cafés da Cuesta Paulista. Sistematizou informações a partir de entrevistas a respeito desse fenômeno social. Por fim, avaliou as oportunidades e desafios que se relacionaram com o estabelecimento de um bem comum no território, a produção de cafés especiais e o fortalecimento de mercados. Como sugestões práticas, recomenda-se o fomento dos concursos de cafés especiais, o fortalecimento das organizações associativas com o intuito de aprofundar os elementos identitários relacionados com a Cuesta Paulista, desenvolvimento de novos canais de vendas para cafés especiais e ações pedagógicas para ampliar o seu consumo, sobretudo entre os produtores.

## **CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES**

V.O.R.V. foi responsável pela curadoria dos dados e redação - rascunho original. G.M.R. contribuiu com conceituação, validação e redação - revisão e edição. V.O.R.V. e G.M.R. desenvolveram a metodologia.

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica concedida.

## **REFERÊNCIAS**

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. **Evaluating geographical indications**. [S. l.]: FAO, 2021. Disponível em: <http://www.fao.org/documents/card/en/c/cb6511en>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

BOLLIER, David. Os bens comuns:: um setor negligenciado da criação de riqueza. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 31-32, p. 43-54, fev. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/52594/28735>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 15 maio 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19279.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19279.htm). Acesso em: 6 maio 2025.

CHARMAZ, K. **A Construção Da Teoria Fundamentada: Guia Prático Para Análise Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2021.

CROSINA, E.; PRATT, M. G.; LIFSHITZ, H. A Part of, or Apart from, Me?: Linking Dynamic Founder-Venture Identity Relationships to New Venture Strategy. **Organization Science**, [s. l.], p. orsc.2021.15271, 2024.

CUESTA. In: Encyclopedia Britannica, 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/cuesta>. Acesso em: 27 julho 2025.

CUESTA. In: SIGEP – Serviço Geológico do Brasil. Glossário Geológico Ilustrado, 2018. Disponível em: <https://sigep.eco.br/glossario/verbete/cuesta.htm>. Acesso em: 27 julho 2025.

FAO; ORIGIN. **Developing a roadmap towards increased sustainability in geographical indication systems**. [S. l.]: FAO; oriGIn, 2024. Disponível em: <http://www.fao.org/documents/card/en/c/cc9122en>. Acesso em: 28 julho 2025.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POLO CUESTA. **Quem somos**, 2025. Disponível em: <https://polocuesta.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 27 julho 2025.

RAIMONDI, V. *et al.* Trade effects of geographical indication policy: The EU case. **Journal of Agricultural Economics**, [s. l.], v. 71, n. 2, p. 330–356, 2020.

RANDRIANANDRASANA, M.; FOURNIER, S.; LINDER, M. GIs, a promising innovation for the development of Africa's food systems? The decisive role of collective actions. **Agricultural and Food Economics**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 48, 29 dez. 2024. <https://doi.org/10.1186/s40100-024-00341-7>.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview**. Long Grove, Illinois: Waveland Press, Inc, 2016.  
TÖRÖK, Á. *et al.* Understanding the Real-World Impact of Geographical Indications: A Critical Review of the Empirical Economic Literature. **Sustainability**, [s. l.], v. 12, n. 22, p. 9434, 2020.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques**. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

STRAUSS, A. **Qualitative analysis for social scientists**. New York: Cambridge University Press, 1987.